

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens neipsum  
ad destinatum persequor, ad brachium tri-  
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 11.

GUIMARÃES 30 DE JANEIRO DE 1885

## Venham os conegos

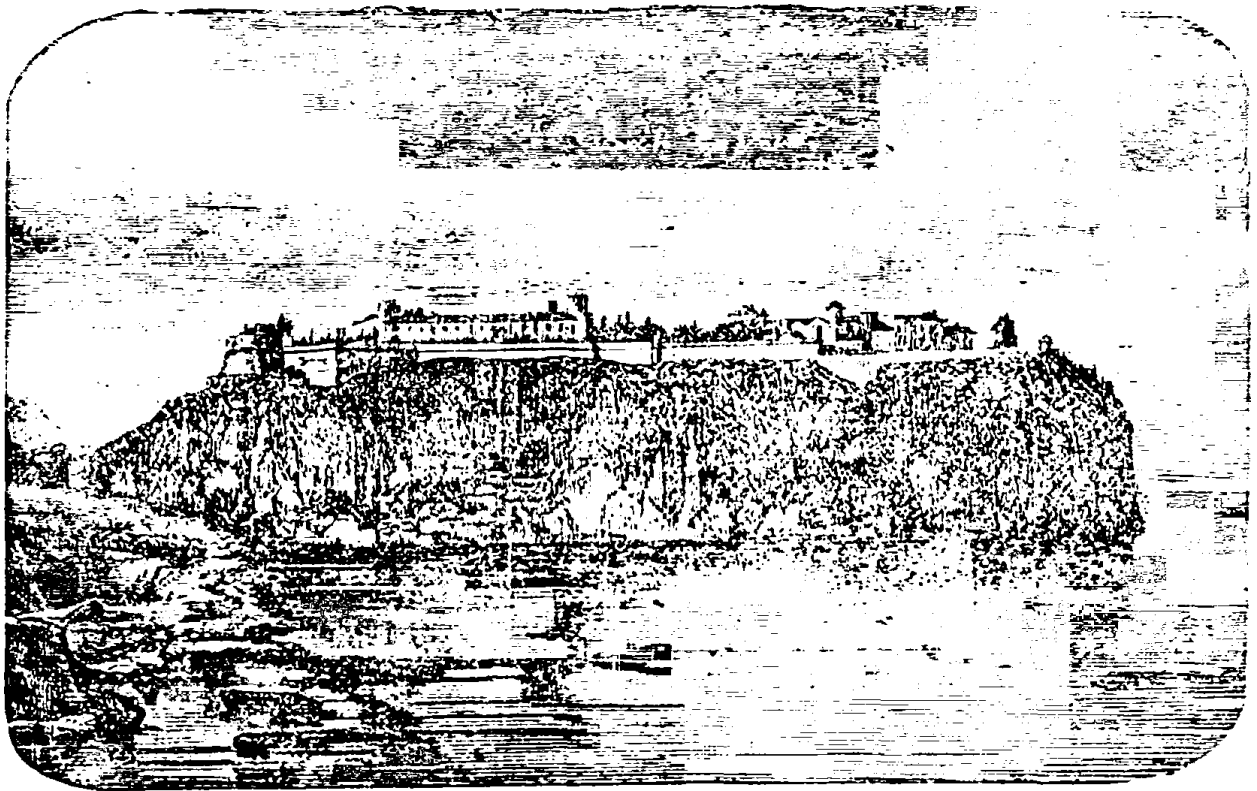
**E**NTÃO, snr. ministro da justiça, que é feito da, ha tanto tempo, fallada nomeação dos conegos para os diferentes cabidos das cathedraes do reino?

velha fouce de Saturno, e nada de novo.

Os masseiros das Sés lá continuam a espanar o pó ás cadeiras vazio dos côros, e os conegos a brilharem alli pela sua... auzencia. O dobre grave do sino chama sempre ao officio de matinas psalmodistas officiaes que não existem, nem acabam de sair do protocolo do governo.

Notavel, e mystificador! Mal

nino. Toleram-se as religiosas que n'elles restam depois da extincção das ordens religiosas em Portugal; dá-se-lhes licença de continuarem a viver, mas com a condição expressa de não poderem ser substituidas por outras, visto como peza sobre esses conventos o *reto* absoluto da profissão monacal, que os condemna a uma consumpeção lenta, mas infallivel.



MONACO

O que é que se espera ainda? A morte do ultimo?

A derrocada geral dos cabidos, carreados no enxurro de tantas outras derrocadas?

Teme-se que a solução da demoradissima questão capitular venha turbar a digestão preciosa dos estomagos ministeriaes?

Passam os dias, as semanas, os mezes, os annos debaixo da

vaga um lugar na longa lista dos funcionarios de primeira, segunda ou terceira classe, do Estado, é immediatamente provido como se o Estado tivesse ainda mais horror ao vazio que a natureza, e ha annos esquecidos que vagaram tantos canonicatos das Sés, e vagos permanecem até á data presente. Dir-se-hia que sobre elles peza a lei fatidica dos conventos do sexo femi-

Ora isto é simplesmente deploravel.

Os conegos constituem o *concilio* dos Bispos. São os seus assistentes natos. Formam, alem d'isso, o seu estado maior, se assim posso exprimir-me, a sua corte nos officios solennes do culto catholico. É o corpo colectivo do cabido que lhe communique a magnificencia do seu esplendor, e esse tom imponente

e magestático, desconhecido dos cultos dissidentes, frios e prosaicos como uma necropole oriental. O collegio capitular faz parte da constituição organica da Igreja, e da sua gerarchia, desde muitos seculos. D'elle saem os prelados como os Papas do collegio cardinalicio. D'elle saem os vigarios capitulares *sede vacante*. Uma Sé sem cabido é como um paço real sem camaristas, uma secretaria d'Estado sem officiaes maiores, uma Academia sem cathedraes. E' como a mitra prelatia dilapidada d'algumas das suas mais rutilantes pedras e o baculo pastoral privado do seu mais firme sustentaculo.

Ora agora vejamos. Qual o estado hodierno dos nossos cabidos? Em nenhum d'elles se acha preenchido o numero legal dos canonicos. O officio divino, que é a oração prescripta, perenne e universal da Igreja Catholica, é recitado por simples beneficiados, ao passo que nas cadeiras coroaes dos conegos mal assomam rareados, aquelles a quem são destinadas, e alguns d'elles cacheticos, trémulos, tardigrados, quasi afonicos, quaes membros sobreviventes de uma familia extincta, sobre quem a morte se mostrasse indecisa de descarregar o derradeiro golpe. Mirrados, encanecidos, conchegados ás longas paredes do coro que os envolve na sua sombra esbatida, semelham a visão extrema e quasi esvaída de um esplendor religioso que passou.

O governo deixa impassivel que se apaguem pouco a pouco no templo as luzes do candelabro. Será para que com ellas se apague de vez a voz secular da oração? Não, não o quero erer. Mas a incuria em todo caso, é grande.

Quantos conegos conta a Sé primacial de Braga? cinco ou seis. Quantos a do Porto? outro tanto. Quantos a de Faro? ainda menos. Quantos a *Sé patriarchal* de Lisboa, a mais importante de todos a do reino pela sua posição na capital do paiz, e por ter á sua frente não só um principe purpurado da Igreja, mas um dos pouquissimos patriarchas de que ella se compõe? Tres, dos quaes um auzente por motivo de deveres cumulativos do seu ministerio como professor.

Isto sabem-n'o todos. Sabe-se que o metropolitano lisbonense o

Snr. D. José III já declarou ao governo estar impossibilitado de pontificar na sua cathedral por falta de numero decente de conegos e que realmente o tem deixado de fazer, por esta causa. Sabe-se que o governo de Sua Magestade ao solicitar da Santa Sé o novo arredondamento das dioceses portuguezas *se comprometteu* a prover-as incontinentemente mal aquelle se realisasse. O novo arredondamento é um facto consummado ha mais de dois annos. Os cabidos, todavia, continuam no *statu quo*. Não nasce nem mais um conego. Parece que se lhes perdeu a semente. Por este andar, d'aqui a trinta ou quarenta annos pertencerão á paleontologia, de camaradagem com os fosséis do ciclo quaternario. Cabe um ministerio, surge outro ministerio, nada! Abrem-se as côrtes, fecham-se as côrtes, nada! Passam as pastas de mão a mão, sem que a incubação de nenhum ministro desove uma só murça.

Luzem e desluzem, a revezes, na tela governamental multiplicadas questões, desde a do Zaire e da cholera, até ás da lãna caprina, e não acerta de ventilar-se a questão dos canonicos. Que mystificação é esta?...

No entretanto, o facto é que todos os annos lá é engrossado o budjet do erario publico com os honorarios dos conegos, que deviam ter sido providos e não foram. Não é de hoje, bem o sabemos, que a Igreja concorre para cobrir o *deficit* do governo, que continúa a ter a sorte malhadada do tonel das Danaides, ou do rochedo de Sisypho. Esta verba consideravel é, portanto, desviada do seu legitimo destino. Urge canalisa-la. Por isso a imprensa catholica entende não guardar o silencio.

Governo, cumpra com o vosso dever. A opposição vigia-vos, para vos applaudir, quando o merecerdes, mas igualmente para vos reportar á norma da justiça por vezes obliterada.


Insistiremos até sermos attendidos. Felizmente temos a glottis em bom estado e o pulmão tão são como o de Stentor.

P.º Senna Freitas.

~\*~\*~\*~

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Santos

 *peut Soutenir que le culte des Saints a été justifiable et heroique pour l'humanité!* — Pôde-se sustentar que o culto dos Santos tem sido justificavel e feliz para a humanidade.

Assim o sustenta *Pedro Leroux* na *Encyclop. nouvelle*. O que são os Santos? *os amigos de Deus!* o culto dos Santos ou rendido aos Bemaventurados que passaram pela terra, além de ser um meio de implorar sua protecção diante de Deus, serve para render homenagem ás virtudes, que os tornaram exemplos, e para por estes excitar os homens para que sigam caminho da santidade! Um dos homens, que em França se assignalou mais por sua palavra e seus escriptos, disse que elle procurava todos os dias um magno subsidio na leitura da vida dos que a Igreja Catholica collocava em representação nos Altares. « Era o alludido Homem francez e disse-o em França. Os Santos foram homens como nós, mas differencaram-se de muitos dos homens na sua resolução firme em cumprir a Vontade de Deus, no seu resolutivo proposito da vida de Sacrificio pelo amor de Deus. *Estes tempos* são dos mais necessitados de fazer bem conhecida a Vida dos Santos, pois que os homens tanto buscam—*hoje de modo especial* fazer só a propria vontade e fugir a tudo que não seja *commotos* *personas*; e tanto isto é assim, que a *taes* *homens* parece impossivel que houvesse *outros*, e *outras*,—que fizessem, o que fizeram, e se tornaram Santos e Santas: a *fraqueza* desconhece o que pôde a *força*, mas a *força de verdade* é a que faz os verdadeiros heroes e os Santos foram na terra Heroes verdadeiros, e por isto passaram ao Céu! Os Papas, *canonisando* os de magno exemplo, têm por tal modo feito um Magno Beneficio á *Sociedade!* e quando os *canonizam* é porque as provas foram *taes* que só ha a *tomal-Os* como amigos de Deus e espelhos dos homens! Nos nossos dias temos visto que na Igreja de Deus seguem os *exemplares* para todas as Virtudes ou os Virtuosos em grau heroico: por isso os Papas, que mesmo nós temos visto, nos têm dito que assim é, proclamando nossos Santos, e assignalando-nos nossos protectores, e tão efficazes quanto é efficaz a protecção dos que estão já gozando da Visão *Beatifica!* Recordarmo-nos e recordar os Santos, é recordarmos e recordar as Virtudes, que de tantos e tantos andam esquecidas com damno individual, familiar e publico. Tal *recordação* é ainda um protesto não só contra a imperfei-

ção mas ainda contra a falta da simples observancia dos deveres!

Os livros das vidas dos Santos são livros da Fé Catholica practica por isso que dizem as obras de *Fé Catholica*, que aquelles verdadeiros heroes pose-ram em execução; foram elles mais seguidos do que o são e a *Societade* seria curada em sua gravissima e perigosa enfermidade. Disse ha pouco um notavel escriptor: «Se o mundo teve antes necessidade do exemplo dos Santos, é certo tel-a ainda maior nos nossos dias, nos quaes se dão tristissimos exemplos, produzidos pela *Maçonaria* e pela *Revolução*.» Lamenta se com razão hoje a falta de *almas grandes*, e é por isto mesmo, que Deus permite que o Seu Vigario possa fazer novas *canonisações* e esteja repetindo em suas *Encyclicas* o que fizeram os Santos para que se tornassem *taes!* Os *martyres* com o seu *denodo*, os *confessores* com a sua *resolução* e *firmeza*, as *virgens* com a sua *pureza*, os Santos todos com a sua *humildade* e *obediencia*, de todo oppostas á *soberba* e *desobediencia* tanto e tanto *em voga*, foram e são *exemplares!* Em 17 de novembro de 1878 disse Sua Santidade Leão XIII: «No meio da corrupção do seculo, é bello e consolador o ver de tempo em tempo apparecer homens insignes pela santidade, que com o esplendor de suas heroicas virtudes brilham como estrellas e dão testemunho d'aquella Divina Fecundidade», de que em todo o tempo tem gosado a Igreja Catholica.» Leão XIII disse isto quando o seu decreto sobre as virtudes do veneravel Pompilio Pirotti das Escolas Pias; e de tal modo excitava a que fosse seguido o veneravel designado então. A vida dos que o mundo só considera como grandes e heroes, a relação dos factos de elles, todos sommados não produzirão o bem moral e social, que a noticia e referencia da vida de um só Santo, ao qual a Igreja Catholica presta culto! A vida narrada de um Santo é a aclamação de um homem *perfeito*: o que se narra dos *heroes*, que são tidos como os grandes homens do mundo, embora d'aquelles que o bom conceito aceita, não é capaz de levar a dizer: *sejaes perfeito* como *estes homens*, ainda quando cousas boas haja d'elles a narrar. Ainda d'estes homens, de que ha bem a fallar, é muita a distancia, se com elles se faz a comparação d'esses a que a revolução faz apoteoses e chama *martyres*, quando aliás não passam de *uomini da capestro*, como os designou um escriptor contemporaneo, e como os considera a recta consciencia e o bom juizo. Só de 1500 para cá foram elevados á honra dos Altares (segundo uma *estatistica* publicada em 1880) 416 Santos, sendo do sexo masculino 358 e do feminino 58. Eram dos conventos ou Communidades Religiosas

321, e os outros ecclesiasticos ou seculares. De Europeus contam-se n'aquella *estatistica* 222, e de estes 76 nascidos na peninsula italiana: 66 hespanhoes: 73 portuguezes: 13 allemães: 14 francezes: 5 belgas: 13 holandezes: polacos 2: 1 dinamarquez: 1 russo. Da Asia 187; da America 12. Outras almas terão entrado no céu das regiões apontadas e de outras no decorrer dos annos designados mas até agora sem culto, *embora bem-aventurados*, além do generico e rendido a todos os Santos e Santas da corte celeste. Portugal occupa o terceiro lugar n'aquella citada e tão preciosa *estatistica*, e permita Deus que não desça mas suba na *futuro!* e para que assim seja é mister que haja portuguezes como *Aquelles* a que acabamos de alludir, e assim *almas grandes!* a observancia dos Preceitos da Divina Justiça, mediante a Graça do Céu e pelos Merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo, é o indispensavel para entrar na *bem-aventurança eterna*; as virtudes em grau heroico dão mais graus de gloria na Presença Eterna de Deus e n'este mundo a honra dos Altares, dando ainda com a glorificação da Igreja o beneficio incontestavel das imitações a seguir para que a *Societade* seja *sã*; o *Exemplo dos exemplos* é Jesus Christo; depois Maria Santissima; e depois os Bem-aventurados celestes, que tambem nol-o deixaram na terra! e ainda o dos *justos* ainda *cá*, e *justo* é o obediente ás Leis de Deus e da Igreja de Deus, sem desobedecer ás *leis humanas* sempre que estas se não oppoñam ás Leis Divinas e Ecclesiasticas! E ou seguir tres Exemplos, ou deixar de os seguir e n'esta *hypotes* é infelicidade *no tempo* e depois *na eternidade!*

Este discorrer é verdadeiro, e a debelidade *da nossa voz* não o enfraquece; queira O Todo Poderoso abençoal-o!

11—12—84.

Dom Antonio d'Almeida.

—S—S—S—

### Commemoração do Tricentenario das Congregações Marianas

**N**ão é sem razão sobeja e sem gloriosos titulos, que Braga se denomina a Roma do occidente.

Por mais furiosas e successivas investidas que tenha feito a impiedade esta ainda não conseguiu, nem jamais conseguirá—esperamol-o em Deus—, assentar alli os seus arraiaes.

Se tina ou outra nota discordante apparecêra no concerto harmonioso das puras e vivas crenças que alli se expandem: essa nota—ousamal-o afirmar—

soaria de fóra de portas e expiraria nos aros mais afastados e ermos.

E' que lá, n'aquella formosissima collina que a mão do homem transformou n'uma das mais bellas cidades que aformosentam a peninsula iberica, vive um povo que respira a atmosphera lavada e pura da mais encendrada piedade.

Mil factos do seu passado glorioso, mil factos da sua historia de hoje, bradam que a ridente e augusta princeza do Minho. é e será, antes de tudo e acima de tudo, uma cidade essencialmente catholica.

As innumeradas e solemnes manifestações com que ella tem affirmado a sua profunda religiosidade, veio juntar-se a solemnisção do recente tricentenario das Congregações Marianas, feita pelos estudantes devotos de S. Luiz Gonzaga. Registemos este facto honrosissimo.

Foram as Congregações Marianas fundadas em Roma pela Bulla *Omnipotens*, de 5 de dezembro de 1584, dada pelo sabio Pontifice Gregorio XIII. As amplissimas indulgencias concedidas aos fieis que a ellas se aggreuriassem, fizeram com que em breve tempo estivessem espalhadas por todo o mundo as Congregações da Santissima Virgem.

Encheria muitos volumes a relação dos inestimaveis serviços, que tão piedosas associações tem prestado á Igreja, nossa Mãe sollicita e carinhosa. Não fazendo menção dos illustres cardeacs, reis, principes e altos dignitarios que se gloriarão de pertencer ás Congregações Marianas, referiremos que foi no seio d'ellas que se formaram e acharam os cimentos da sua posterior santidade: S. Carlos Borromeu, S. Francisco de Sales, S. Luiz Gonzaga, S. Estanislau Kostka, S. Camillo de Lellis, S. Francisco Solano, S. Fiel de Sigmoringa, S. João Francisco Regis, S. Francisco de S. Jeronymo, S. Alfonso de Ligorio, S. Leonardo de Porto Mauricio, S. Pedro Claver, os Beatos Alfonso Rodrigues, João Berchmans, e cem outros.

Taes motivos, avivados pelo appello feito por S. S. Leão XIII no seu Breve de 17 de maio do anno ha pouco findo, moveram os jovens estudantes Congregados de Maria Santissima Immaculada, que frequentam as carreiras litterarias na piedosissima Braga, a solemnisar o tricentenario das Congregações Marianas, ás quaes se acham aggremiados, com a pompa e devoção que lhes fosse possivel.

Obtidos os meios julgados sufficientes, que uma commissão composta d'estudantes havia mendigado do porta em porta, tractavam de realisar a solemni- dade projectada. Na quinta-feira 18 do dezembro, festa da Espectação do Parto de N. Senhora, uma devota peregrina-

nação composta toda d'estudantes, alongava as duas compridas filas pelos escaletórios do Bom Jesus. Eram 7 horas da manhã quando deixaram o portico das capellas. Precedia-os uma vistosa bandeira, onde campeavam em damasco de seda as imagens da Immaculada Conceição e S. Luiz Gonzaga, e todos os devotos peregrinos levavam pendentes sobre o peito a medalha dos mesmos seus Titulares.

Chegados ao largo do Bom Jesus entre girandolas de foguetes, repiques festivos e reboar de musicas, dirigiram-se para o Sanctuario do Sameiro, onde chegaram cerca das 9 horas da manhã. Acto continuo celebrou-se o Santo Sacrificio da Missa, tomando parte na Comunhão geral todos os Congregados.

Terminado este primeiro acto religioso foram os jovens tomar uma pequena refeição que se lhes preparara nos apoentos immediatos ao Sanctuario, voltando logo ao templo onde teve lugar a Missa solemne com musica, sermão e exposição do SS. Sacramento, que foi encerrado depois do solemne *Te-Deum* e Benção.

Novas girandolas de foguetes, novos repique de sinos e novos accordes de musica annunciaram a conclusão d'esta imponente manifestação catholica dos jovens estudantes bracarenses e começou a retirada da peregrinação na mesma forma por que tinha ido, até se dissolver no ponto da partida, que, como dissemos, foi o portico das capellas do Bom Jesus do Monte.

Os piedososromeiros não se retiraram do Sanctuario d'onde a Virgem Immaculada destende o seu maternal amparo sobre a religiosa Braga, que tão dedicada lhe é, sem deixarem ali commemorada esta manifestação de filial amor, — o que fizeram com a seguinte inscripção:

*A Congregação  
de Maria Santissima Immaculada  
e S. Luiz Gonzaga  
composta  
de jovens estudantes bracarenses  
commemorando o tricentenario das  
Congregações Marianas  
fundadas em 1584  
Visitou em devota perigrinação  
o Sanctuario da Virgem do Sameiro  
celebrando sua communhão geral  
e festa solemne  
no dia 18 de dezembro de 1881.*

Honra e gloria aos bons e piedosos estudantes que promoveram este religioso festivo, testimonho publico e solemne de amor e devoção á Santissima Virgem, e da fraternal caridade que os liga a todas as Congregações Marianas de todo o orbe e em especial modo a Prima Primaria de Roma, cujo tricentenario commemoraram.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1883

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

III

#### O Apostolado do Clero em face da—Regeneração social

(Continuado do n.º antecedente)

**M**AS não basta; não basta a revelação do segredo inquietador do mal, que tratêa o delinquente, para que a sua regeneração se opere o se consumme: é necessaria uma palavra de perdão que o rehabilite, e lhe dê o vigor para a emenda.

Ao passo que elle vao alliviando o peso atrophiador da culpa nas dulcissimas expansões d'essa amoravel confidencia nunca trahida, sente um alvoroço indefinivel, entre jubiloso e triste, entre dolente e festival, que a lingua humana mal sabe exprimir, o que escassamente traduz, quando diz — *arrependimento*.

O arrependimento!... Mas não costuma elle pintar-se em quadros tragicos, de fronte abatida e vincada pela dôr, olhos entumecidos, faces pallidas e cavadas, e o seio requeimado de lagrimas, que o abrumam como carvões accêos? Não sei: o que sei é que o arrependimento é um mysterio, um dos mais bellos mysterios da humanidade; mysterio da mais suave das tristezas na mais pura das alegrias, mysterio da mais pura das alegrias na mais radiosa das venturas.

O' vós os que desconheceis os ineffaveis consolos d'esto mysterio sublimo, infelizes! não sabeis o que é lograr nas tristezas do mundo vislumbres das alegrias do céu; e o vosso coração é semelhante a um deserto arido, onde nunca uma gotta d'orvalho fez brotar uma só flôr das que emparadisam a vida!

Mas eis que, afinal, com os suspiros do arrependimento casam-se os eccos da infinita misericordia. *Deus perdoou-te*; diz o representante de Deus no tribunal sagrado: *Vae em paz!* O' palavra!...

Perlustrae, senhores, a immensa galeria das venerabilidades do christianismo, e contaes se o podeis, quantas devem o que foram, e o que ainda hoje n'ellas admiramos com assombro, a essa palavra grande, solemne, maravilhosa, portentosissima: *Deus perdoou-ta. Vae em paz!*

Um filho abandonou os lares, que o viram nascer, e seu bondoso pae que o amava estremecidamente. Cor-

reu mundo o inoexperito mancebo; viajou, deu banquetes, acariciou todas as paixões, alimentou todos os vicios, e bem depressa a herança paterna foi completamente malbaratada. Não lhe restando nem um andrajo para se cobrir, nem uma fatia de pão de rala para matar a fome, no extremo de tamanha miseria foi sorvir para o campo, onde o empregaram no humilhante mister de guardar animaes immundos. Então a desgraça veio desilludil-o; e, um dia, o prodigo tornando em si levantou-se de repente, abandonou os animaes que pastoreava, e, com dous fios de lagrimas a escreverem-lhe nas faces o arrependimento de seus desvarios, encaminhou-se em direcção da casa paterna. O pae que nunca olvidara aquelle filho, e noite e dia seismava no que seria feito d'elle, achava-se no atrio, mergulhando maquinalmente os olhos na extensão, como todo o homem que padeece, (ou quem pode adivinhar mysterios d'alma?), murmurava-lhe talvez o silencio uma revelação, que elle mesmo não comprehendia bem; quando descobre, ao longe, o filho de tanta dôr e de tanta saudade, roto, descalço, com a fome estampada no rosto, como o ultimo dos mendicantes. Não lho permite a anciedade esperar que elle chegue; mas apenas o avista e reconhece, corre pressuroso ao seu encontro. O prodigo, ao encaral-o, pára, hesita, trava-se batalha dentro d'aquelle peito; prorompe, torna a parar, e, sem saber como, lá está lançado aos pés do seu pae, exclamando entre soluços: *Pae, não sou digno que me chames teu filho!* O pae quiz articular uns sons, mas a voz recusou-se-lhe; os braços já elle os tinha abertos, e foi só o coração que se encarregou de dizer áquelle desventurado filho: *Sê bem vindo: estás perdoado!*... E esse misericordioso perdão resuscitou o prodigo para a familia, e regenerou-o para a sociedade.

Uma mulher, rica, nobre e formosa abriu o coração ás proprias seducções, e ás que o mundo phantasiava para prendel a em suas cadeias d'artificiosas flores, e cahiu, e rebaixou-se muito; tornou-se a cortezã mais desvanecida e mais tristemente celebre dos seus tempos—*Mulier in civitate peccatrix*. Um dia, porém, a luz da Redempção, que por esses tempos começava a irradiar-se nas classicas terras da Judeia, veio alumiar o fundo do abysmo de lodo, em que aquella peregrina formosura, realçada pelo oiro e pelos brazões, se havia torpemente despenhado. A pobre Magdalena teve a singular ventura de banhar com lagrimas de contrita os pés do proprio Salvador do mundo. Foi uma scena commovedora, e muito edificante. Era

n'um banquete publico; e essa mulher ainda ha pouco tão activa do seu nascimento, da sua belleza, e das suas criminosas conquistas, compareceu ali profundamente humilhada em trajos de penitente; e, talvez na presença de seus proprios cúmplices, roja-se abafada em pranto nos do Salvador, e não cessa de regal-os com as suas lagrimas, limpando-os com os seus cabellos, e imprimindo-lhes piedosos osculos. Jesus equilibrou na balança da sua caridosa justiça os deliramentos da transviada com as lagrimas da arrependida, e voltando-se para ella disse-lhe entornecido: *Mulher! estás perdoadada: vae em paz!* E este misericordioso perdão fez da peccadora publica da cidade uma das heroínas da graça mais admiraveis, e mais sympathicamente festejadas nos seculos christãos.

Um discipulo extremado com especiaes prerogativas do Divino Mestre, e cheio de enthusiasmo por elle, momentos depois de lhe haver jurado morrer antes do que trahir-lhe a fidelidade, teve a cobardia de o negar despejadamente. Não soltou o Divino Mestre um só queixume, nem uma só palavra reprehensiva; contentou-se com volver-lhe um olhar de infinita compaixão: mas esse olhar convulsionou vivamente, e encheu de luz, e repassou d'amargura a alma adormentada de Pedro. Um jorro de lagrimas candentes arrebenta-lhe de dentro do coração; e, ao inundar-lhe as faces, queima-lhas, como se por ellas passasse lava vulcanica inflammada. Pedro, todavia, vê reflectir-se no puro cristal d'essas lagrimas o compadecido olhar do Mestre amantissimo, que lhe assegura o seu perdão; e esse misericordioso perdão converteu o discipulo infiel no mais ardente, denodado, e insigne athleta da Igreja; n'aquelle que primeiro cingiu, atregoando-a com o seu sangue generoso, a corôa immortal do supremo Pontificado catholico.

Taes são os bellos quadros, senhores, com que o Evangelho nos representa e preconisa o maravilhoso poder o efficacia regeneradora do perdão expresso de Deus, outorgado aos contritos.

Perlustrae a immensa galoria das venerabilidades do christianismo, e conta, se o podes, quantas vezes esses bellos quadros figuram abi, reproduzidos sob a benção do sacerdote, que é a benção remissiva de Deus, no arcano impenetravel do tribunal sagrado.

Fallae, prodigos! que sob o influxo d'essa benção vos sentistes renascer para uma vida nova, e n'um momento vos desprendestes dos braços do

mundo, das suas dissipações e prazeres, para vos lançardes nos braços d'uma cruz, que vos foi ara de expiação e fragoa incendiada, onde se vos depuraram tantas paixões lubricas, e se vos acendrarão tantas virtudes austeras. Fallae, Magalenas! que sob o influxo d'essa benção vos sentistes vigorosas e fortes para despedaçardes as diamantinas cadeias d'entranhados amores do perdição, e que tendo sido ludibrios vos transmudastes em glorias in-norredouras do vosso sexo. Fallae, discipulos infieis! que sob o influxo d'essa benção vos sentistes abrasados de zelo, e, para reparardes momentos de tibieza, toda a vos-a vida foi uma lucta, toda essa lucta um apostolado, e todo esse apostolado uma serie de triumphos para a fô. Fallae! E elles fallam... E que vos dizem todos esses gigantes, esses milagres vivos do arrependimento? Dizem, attestam, pregão — que o sacerdote, no tribunal sagrado, é o mais poderoso agente e prestimoso obreiro da regeneração moral da humanidade.

Estendei-lhe a mão, homens do progresso, e dae-lhe o primeiro logar, que indisputavelmente lhe compete, no connetimento nobrissimo da reforma social.

E se duvidaes ainda do seu merito e valor para realisar em toda a sua plenitude esse grande commettimento, de que, se quizerdes, ser sinceros, heis de confessar que sois apenas uns idealistas jactanciosos, proponho-vos um alvitro, que vos será pre-emptorio desengano. E' submeter-vos vós mesmos á prova do facto. O tempo é azado; o tribunal reconciliador está ali facilmente accessivel a todos; os fieis doceis á voz da Igreja acer-cam-se d'ella com desassombro, e a cada canto do templo resôa o brado do perdão. Aproveitae-vos, e experimentae.

Longo tempo ha talvez que os preconceitos, o uns receios servis do que vos apodam como foragidos da sociedade dos que se dizem illuminados, vos affastam d'esse tribunal de paz, nunca sentida no tumultuar d'um mundo olvidado de Deus. Fazei um esforço superior a esses preconceitos que vos deslustram, e a esses receios que vos amesquinham, e experimentae. Ide, como crente, patentear, com animo de medical-as, as chagas do coração ao dispensador dos divinos carismas de Jesus, que tem balsamos milagrosos para todas ellas. Ide, e sabereis então o que é, o que pode, e o que vale para operar uma regeneração moral, esse ser extraordinario e unico que julga no fóro interior do homem, auctorizado por Deus, abraçado pela creatura, incomprehensivel mesmo no

seu dominio, ao vermos a docilidade com que seus irmãos lhe franqueiam os mais occultos segredos da sua vida, e a facilidade com que converte quatro taboas singelas, que lhe servem de tribunal, em aurea ponte de insondaveis misericordias, lançada por sobre o abysmo da justiça vingadora. Ide, o que Deus vos perdoe, ó cegos da tanta luz, o emponho com que vos afanaes para votardes ao ostracismo, em nome d'um progresso fallaz, quem tão inexcedivelmente contribue para o ver-ladeiro progresso, que regenera o aperfeioa a humanidade.

Sim, divino Crucificado, mais uma vez perdoae aos depreciadores gratuitos e injustissimos do vosso ministrio; d'aquelle que abrindo, com a chave mysteriosa d'esses excelsos poderes que lhe confiastes, os reconditos da consciencia humana, sonda no fundo d'ella o pensamento do crime, expia nas trevas os segredos que lá se riem das comminações sanguinarias da justiça, soffoca em germen todos os vicios que roem, como caneros, a melhor parte da medulla das sociedades, e implanta no amago d'ellas todas as virtudes que as alentam, vigorisam, e engrandecem! Perdoae-lhes; e desça sobre elles d'entre os braços d'essa cruz, como deseera sobre os que vos ludibriavam e escarneciam nos trancces da vossa incomportavel agonia, o pregão da vos-a infinita misericordia.

*Fim da 3.ª conferencia*

## SECÇÃO HISTORICA

### Para a historia das nossas missões ultramarinas

*Continuado do n.º 4*

**A**SSIM se lançaram as bases d'uma sociedade civilisada em Timor, porque os referidos estabelecimentos deviam dar, como effectivamente vão dando, elementos para a familia honesta, culta e honrada.

E alem d'isso ficou por esta forma traçado um plano de acção a seguir n'estas missões, não havendo mais nada a fazer para o seu desenvolvimento, se não dar-lhe maior amplitude. Para isso precisava-se maior numero de sacerdotes para fundar novas missões, e meios pecuniarios para se construirem predios apropriados e com capacidade bastante para n'elles se montarem convenientemente os estabelecimentos de educação, e bem assim para se construirem egre-

jas e capellas, e residencias decentes para os missionarios.

3.º A estas necessidades occorreu o Exc.º Sr. Bispo de Macau tanto quanto o permittia o cofre dos bens das Missões na China, e não deixando tambem de augmentar o pessoal ecclesiastico de Timor com alguns Padres que com sacrificio dispensou do serviço em Macau. Assim em 1878 mandou para Timor mais tres missionarios. A este numero tinha eu a satisfação de pertencer: os dois restantes eram os Revd.ºs Joaquim Ignacio e Anacleto Cotrim da Silva Garcez. A circumstancia pois de augmentar o pessoal, permittiu que se tentasse fundar uma missão em Maubara e outra em Laleia. Para Maubara foi mandado o Revd.º Joaquim Ignacio, que poucos mezes depois voltou doente. Em seguida foi para alli ainda o Revd.º P.º Garcez, que tambem pouco tempo lá se demorou em consequencia de ser transferido para a missão de Laleia. Para Laleia foi nomeado o Revd.º P.º Branco; mas este nem se chegou a installar, porque na occasião em que para esse fim se dirigiu áquelle reino em companhia do Revd.º Medeiros, começavam já as lamentaveis desordens promovidas por Manoel dos Remedios, que se rebelara contra o Governo, e por isso teve de voltar a Dilli. Havia com tudo esperanças de levar a effeito o estabelecimento das duas referidas missões de Laleia e Maubara; mas em breve foi forçoso desistir da empreza, porque logo em fevereiro de 1879 foram mandados regressar a Portugal os Revd.ºs Joaquim Ignacio e Manoel José Branco, e a Macau o Revd.º Padre Chinez, Francisco Leang, ficando portanto o pessoal reduzido ao primitivo numero de 10 missionarios.

Mais tarde, porém, ainda se fundou a missão de Bancau, a qual, tendo sido curada successivamente pelos missionarios Jacob dos Reis e Cunha, Manoel Maria Alves da Silva, e Antonio Anacleto Cotrim da Silva Garcez e florescendo por algum tempo, tambem teve de ser abandonada quando em 1880 foram chamados a Macau mais dois missionarios de Timor.

4.º Quanto ao desenvolvimento material das missões, devo primeiro que tudo, dizer que os melhoramentos n'este sentido

realizados correram, uns por conta e sob a direcção do governo districtal, outros simplesmente á custa da administração ecclesiastica.

(a) A expensas do governo foi construida a elegante egreja matriz de Dilli que se inaugurou a 15 d'agosto de 1879, e que é por certo a melhor que existe n'estas Indias orientaes. Toda a ornamentação, porém, foi fornecida pela missão, incluindo lustres, jógos completos e paramentos ricos, imagens e tudo o mais que era preciso para exercer o culto com o esplendor que a vinha á sumptuosidade do templo. N'isto gastou a administração ecclesiastica mais de 6:000 florins como consta d'um officio e d'uma relação enviada ao governador d'este districto pelo Vigario Geral das missões em data de 17 de julho de 1877.

(b) Tambem por conta do governo se começou uma capella de alvenaria em Bancau. Essa obra, porem, apesar de não demandar grandes despezas porque os indigenas auxiliavam o serviço dando madeiras, cal e serventes, foi interrompida durante o governo do Exc.ºm Car-doso de Carvalho. Depois d'elle o Exc.ºm Governador Bento da França, ainda chegou a trazer ali dous pedreiros e um carpinteiro durante alguns mezes, mas por falta de dinheiro nos cofres do Districto, esses mesmos foram mandados retirar, e a capella ainda hoje está por concluir. Tem contudo já todas as paredes á altura conveniente, faltando-lhe apenas o madeiramento para o tecto, portas, janelas e reboco de cal.

(c) Ainda o Governo auxiliou a missão construindo uma casa para o collegio do sexo feminino em que gastou 8:216 florins. A missão porém, que tinha solicitado esse auxilio por não estar em circumstancias de custear as despezas da construcção do edificio, mais tarde adquiriu a propriedade d'elle contractando pagar o seu valor em prestações, como effectivamente pagou. E, a proposito, acrescentarei que suscitando-se depois certas duvidas sobre a validade d'este contracto feito entre o Governador do Districto e o Vigario Geral das missões, e sendo sujeito o caso ao parecer do governo de Sua Ma-

gestade, este resolveu confirmando a venda.

Por conta da administração ecclesiastica construíram-se varios edificios.

1.º A actual casa da missão em Lahanc, que importou em 18:000 florins incluindo o quintal e outras obras n'elle feitas para segurança da propriedade. É de alvenaria e assenta sobre uma arca de 424 metros quadrados, contendo dez quartos, duas salas, uma varanda na frente e dos lados e ainda uma galeria que serve de refeitório. Foi construida para servir de residencia dos missionarios de Dilli, e de casa sanitaria para receber os missionarios do interior quando doentes. É ainda n'ella que se acha provisoriamente estabelecido o collegio de Lahanc sendo esta a razão porque não tem sido possível admitir n'elle mais de 27 alumnos internos. Trata-se porem de lançar os fundamentos a uma nova casa a propria e com capacidade bastante para 60 ou 80 alumnos, o que julgo se levará a effeito por todo este anno.

2.º Tambem a missão teve de augmentar o collegio do sexo feminino com uma espaçosa galeria e um andar superior sobre a mesma. A galleria (onde recream as alumnas em tempo chuvoso) tem d'um lado a capella para os actos religiosos do collegio, e d'outro uma sala para exercicios litterarios. Este novo corpo do edificio que forma um todo com o antigo e que mede 176 metros quadrados tanto no andar terreo como no superior custou cerca de 12:000 florins incluindo casas de banho, despensa e outras officinas que são em corpo separado.

3.º Além destas propriedades possui esta Administração ecclesiastica mais tres casas nas Provincias de Ocussi, Batugadé, e Bancau, construidas para residencia dos respectivos missionarios e com accommodações para n'ellas se estabelecer a escola que cada missionario é obrigado a dirigir. Não são de alvenaria, mas são de boas e bem apparelhadas madeiras de pau-rosa podendo durar muitos annos.

Para a construcção de todas ellas concorreram os povos, trabalhando e dando as madeiras precisas: e a Administração ec-

clesiastica apenas gastou 200 florins na de Ocussi, 40 na de Batugadé e 300 na de Bancau. A casa de Ocussi é coberta de zinco que o governo forneceu, e fica situada á beira-mar. A de Batugadé é coberta de folha, mas as paredes bem rebocadas e caiadas dão-lhe uma elegante vista, sendo além disso bem arejada e espaçosa com uma sala, 4 quartos, galleria para escola e varanda na frente voltada ao mar. A de Bancau, situada a 400 metros acima do nível do mar edistante d'elle 4 a 5 kilometros, na extremidade da serra de Bendura e n'um dos logares mais aprazíveis e pittorescos d'esta ilha, tem 4 quartos, corredor ao centro e varanda na frente, tudo rebocado e caiado, passando-lhe ao lado uma abundantissima leuada de agua que a sepa ra d'uma varzea que tambem a missão adquiriu por compra.

Ha ainda outras casas fabricadas ou repadas pelos missionarios para suas residencias, em Lacluta e Manaluto, com as quaes, por serem de construcção mais ligeira, não fez a missão outras despesas além de pequenas gratificações.

(Continúa).

*Pádre João Gomes Ferreira.*

Vigario Geral e Superior das Missões de Timor.

### S. Damazo Papa portuguez

**N**o jornal de Roma, *Il Mattino* encontramos o seguinte escripto, que com grande prazer traduzimos para a nossa Revista, não só por desmentir o que varios jor-

naes de Roma disseram, por occasião das festas em honra de S. Damazo, mas tambem por sabermos que o seu autor é um portuguez distincto, residente em Roma, a quem devemos relevantes favores, incluindo o de nos abraçar antes da sua partida para a cidade eterna.

« Os jornaes d'esta cidade annunciando a esplendida festa do centenario em honra do glorioso Papa S. Damazo,

nas columnas do seu estimado e lido jornal para a minha rectificação.

S. Damazo, na verdade, nasceu na península Hispanica ou Iberica, mas na cidade hoje conhecida com o nome de Guimarães (Vimaranens) no reino de Portugal, arcebispado de Braga.

Se no seu tempo (4.º seculo) S. Damazo podia chamar-se hespanhol, por isso que toda a península Iberica se de-

nominava Hespanha e era uma provincia do imperio romano do Occidente, hoje não pôde dizer-se tal senão com manifesta injustiça, para sua verdadeira patria, sendo Portugal uma nação independente desde o principio do duodecimo seculo intitulado se os seus filhos portuguezes.

Se um personagem nascido no 4.º seculo em alguma das partes da Gallia, que hoje está dentro dos confins da Austria, da Belgica, da Suissa, da Hollanda e outr'ora chamado — Gallus — hoje mais exactamente deveriamos chamar-o Austriaco, Belgica, Suisso ou Hollandez; assim, comquanto outr'ora podesse chamar-se Hispanus S. Damazo, sem violentar a carta geographica, hoje em pleno seculo 19.º desde que Portugal é ha quasi 700 annos independente civil e politicamente (tendo ha seculos uma embaixada de 1.ª classe junto á Santa Sé, não pôde certamente considerar-se hespanhol um Papa portuguez.

O auctor d'estas linhas é um sacerdote do Porto, residente em Roma onde frequenta os estudos,

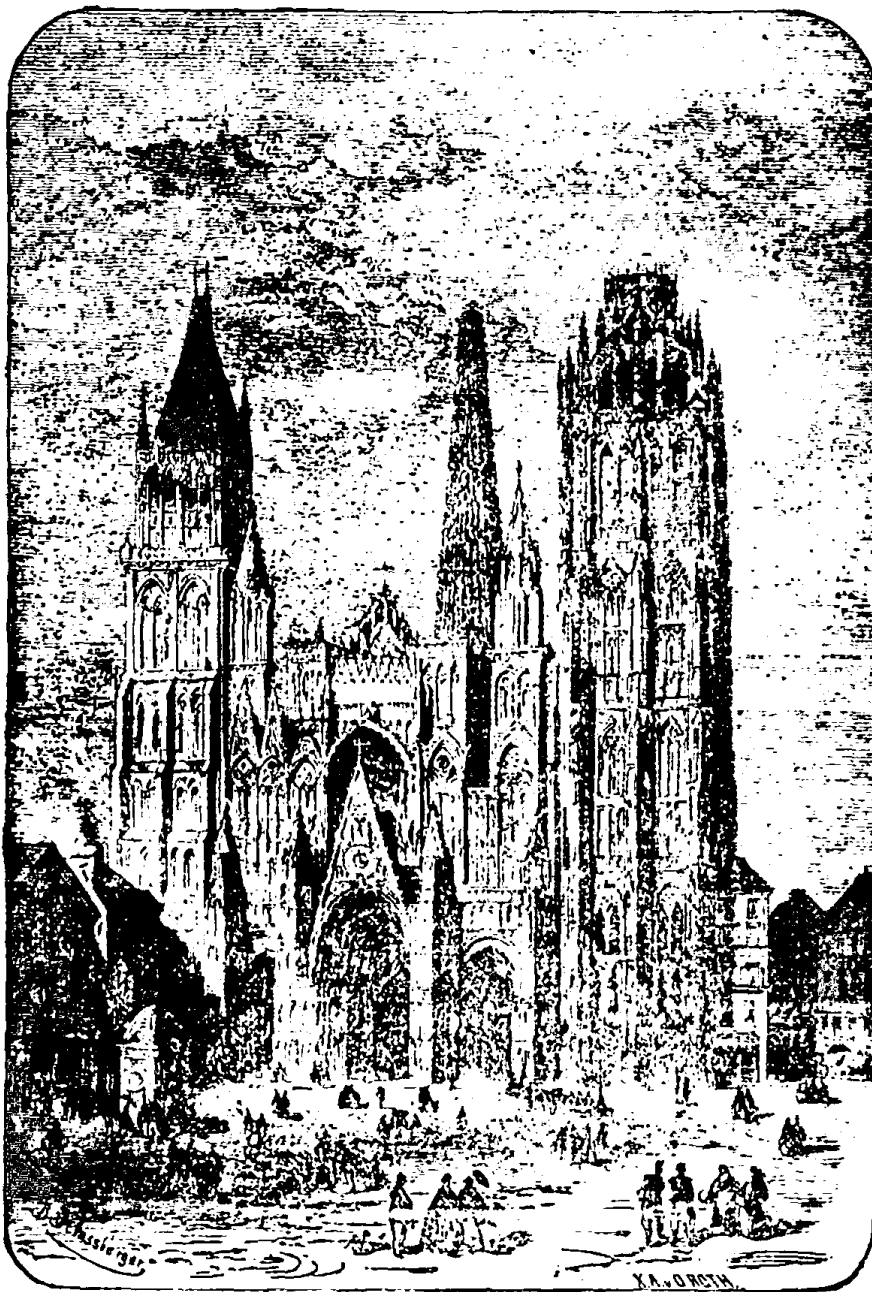
que teve principio no fim da tarde do dia 7 do corrente do mez de dezembro na sumptuosa basilica de S. Lorenzo in Damazo, asseveraram que este Papa era oriundo da Hespanha.

O amor da verdade e o affecto á patria levam-me a fazer algumas observações a tal respeito:

Confio, senhor director, que a sua bondade me dará um pequeno logar

motivo porque não pôde provar a nacionalidade de S. Damazo Papa com grande numero de testemunhos e argumentos.

Cita todavia o notabilissimo cavalleiro Moroni que, no seu apreciado dictionario, fallando de S. Damazo diz: « nasceu em Guimarães de Portugal », e o Abbade Frascarelli na sua obra — *Iscrizioni Portuguesi che isistono in diversi*



CATHEDRAL DE TOURS

*luoghi di Roma*—Roma 1868, assim falla na nota terceira d'um epitaphio attribuido a Barbosa para o grande Pontífice—S: Damazo nasceu na villa (em portuguez significa pequena cidade) de Guimarães, em Portugal.

Finalmente nas bellissimas inscripções em louvor de S. Damazo referidas por Frascarelli ha uma que principia assim:—Damasus Ille. Suum Quem Jactat Bracara Civem. Hoc titulo Cunctis Praestantior Urbibus Orbis.

Ora *Bracara* é a cidade de Braga a pequena distancia de Guimarães.

De resto não ha escriptor espanhol que prove ser a patria de S. Damazo alguma das cidades ou villas da Hespanha actual.

## SECÇÃO CRITICA

### Mais ainda acerca das Portarias



*Liberdade*, de Villa Franca do Campo, Açores, publicou o artigo que segue, a que damos gostosos toda a publicidade:

«Acaba o governo portuguez de censurar o exc.<sup>mo</sup> snr. Bispo d'esta diocese.

O motivo da censura foi o ter o venerando Prelado dado publicidade á Encyclica Pontificia — *Humanum genus*—sem que esta houvesse obtido o regito beneplacito!!!

Julgamos ser caso para felicitar o sabio e virtuoso Antistite Açoriano.

Jámais podia o governo exhibir-lhe documento mais honroso, nem erguer-lhe padrão de mais levantada gloria.

E o que dizemos do nosso exc.<sup>mo</sup> Bispo, afirmamos tambem dos respeitabilissimos srs. Arcebispo de Goa e Bispo da Guarda.

Porque souberam cumprir o seu dever de verdadeiros e dedicados Apos-tolos, porque souberam obedecer ao chamamento do seu legitimo Superior e dar fiel cumprimento aos seus preceitos saudaveis, por isso, e por nada mais, foram censurados.

E quando a censura é d'este modo injustamente irrogada, em vez de deprimir exalta, o cinge a fronte de victoriosos louros, em vez de fazer acudir á face o rubor da confusão.

Que os illustres Bispos censurados se encham de jubilo.

Enalteceram de gloria suas mitras, e mostraram-se dignos do Apostolado que exercem, como dignos se mostraram em 1861 os Prelados francezes Monsenhor Droux Brézé, Bispo de Moulins, e o cardeal Mathous, Arcebispo de Besançon.

Por intermedio do guarda dos sellos do imperio M. Baroche prohibido o governo de Napoleão III que fosse pu-

blicada a Encyclica *Quanta cura* do immortal Pio IX; mas elles consciuos do seu dever é zolosos pelos direitos da Igreja corajosamente a promulgaram, sacudindo assim o excesso do poder leigo.

Efectivamente, não cabe na alçada d'este poder coartar a jurisdicção do poder espirital.

Se fosse da competencia dos poderes temporaes dar o seu *placet*, ou oppor o seu *veto* indistinctamente a todos os escriptos Pontificios, teriamos que não ao Papa, mas ao Estado incumbia o governo da Igreja.

D'este modo, diz o canonista Georges Phillips e com elle todos os outros, haveria Deus outhorga lo aos principes seculares a faculdade de annular a acção do proprio Deus, os actos do seu Reino, o que é omnimodamente impossivel,

Os principes, na linguagem de Bionchi, são os filhos da Igreja armados da espada do poder para a proteger e defender, mas não são os Padres da Igreja.

Cumpre-lhas só escutar e obedecer ás prescripções ecclesiasticas usando sua auctoridade, accrescenta Lup. Ferraris, para impor a seus subditos a mesma obediencia.

O contrario seria uma prerogativa usurpadora; pelo que o imperador Bazilio assistindo ao oitavo Concilio ecumenico dizia: «como nos poderia pertencer, a nós que somms simples ovelhas do rebanho, o criticar os pastores?»

Nem podia a Igreja acquiescer a semelhante prerogativa, porque iria paralyzar a sua acção jurisdiccional, e tolher a corrente do ensino a que é obrigada.

O Pontífice Pio V sollicitado n'esto sentido por motivo de causa do duque de Alcalá respondeu: «quo não podia assim consentir porque seria desapossar-se do seu primado.»

Nem importa que em rasão da falta do *placet* o estado declare illégitimo ou nullo tal ou tal acto da Igreja. Este acto não pro luzirá menos os seus effectos, como affirmam ainda abalisadas auctoridades theologicas.

Em face do expellido, o poder que o governo portuguez se arroga não pôde ser sancionado pela Igreja.

O direito do beneplacito, na latitude que o governo portuguez o pretende, não pôde ser considerado senão como abusivamente adquirido.

Por mais testemunhos que o governo invoque para se defender esta regalia, como fez na portaria circular de 8 de agosto de 1863 dirigida ao Episcopado Lusitano, não pôde a Igreja sancional-a nem acceital-a.

Foi sempre injuriosa á Igreja e de consideravel detrimento ao seu poder

a opinião dos politicos que pretendem submeter as leis da Igreja ao regio beneplacito, afim de que possam ter força Assim o diz Pedro Scavini na sua *Theologia Moral*.

Esta doutrina é corroborada por Margotti e mui particularmente pelo Padre Tarquini, o qual diz: ser um erro intoleravel adicionar ao numero dos direitos reaes a faculdade de sujeitar ao *exequatur* as Bullas e Breves Pontificios o tudo o que diz respeito ao governo da Igreja.

Não queremos dizer que estas auctoridades por nós citadas pretendam estabelecer uma propzição absoluta sem excepção admissivel.

Ao governo portuguez, e a todos os governos Catholicos, respeita a Igreja, e assim respeitando os não pôde deixar de em certos casos pedir o seu beneplacito.

Estes casos porém não podem ser outros senão aquelles em que é reclamado o concurso dos dois poderes leigo e ecclesiastico.

Para este fim existem as *concordatas*—onde é garantido aquelle concurso o n'elle a harmonia entre a Igreja e o Estado.

Admitiremos ainda que o nosso governo esteja no pleno gozo de conceder ou negar o seu beneplacito a todas as Bullas, Breves e Rescriptos emanados da Santa Sé; mas d'este beneplacito é que não carece a citada Encyclica—*Humanum genus*.

E' o mesmo Pedro Scavini que diz: «que onde vigora o regio Beneplacito com relação ás Bullas Pontificias, não pôde elle comprehender as que dizem respeito aos costumes e recta norma de viver. Outro tanto affirmam Riccardi e outros.

Efectivamente a doutrina da alludida Encyclica sendo puramente espirital não pôde carcer do braço secular para surtir os seus effectos.

E' um aviso a todo o mundo catholico, é um brado a todos os filhos da Santa Igreja Romana, e que todos tem direito de ouvir sem previa licenca de governo algum.

Admittir o contrario seria um lamentavel e absurdo contrasenso; como tal seria a despotica lei que dissesse ao pai de familias não poder doutrinar a seus filhos, não poder moralisal-os nem preinuil-os contra o mal, sem haver primeiro venia da auctoridade local.

Além d'isto a referida Encyclica não é uma Lettra Apostolica dirigida não sómente ao Episcopado pertencente ao real padroado e para fins attinentes á Igreja Lusitana; por tanto como pretende o governo impor-lhe a necessidade do seu beneplacito?

Queremos porém ser mais condescendentes.



Concedemos de barato que a Encyclica precise do beneplacito e que o governo tenha direito de lhe dar ou negar.

Poderá negal-o? Nunca; porque o não pôde fazer senão quando a Lettra Apostolica involver doutrina, materia e resolução contraria ás leis do reino, como o mesmo governo dá a entender na sua portaria de 12 de setembro de 1863.

E dar se-ha esta opposição de doutrina na Encyclica *Humanum genus*? Haverá n'ella ainda uma só disposição attentatoria da nossa legislação vigente?

Nenhuma; ao contrario vem ella secundar e avigorar a lei fundamental do Paiz a qual terminantemente prohibe as sociedades secretas.

Se pois o governo não pôde recusar o seu beneplacito á Encyclica, por que isto importaria a annullação infamante das suas propr as leis, com as quaes ella se acha perfeitamente casada, porque se não tem dado pressa a conceder-lh'o, pondo assim em pratica a regalia que diz tor?

Porque o não tem querido, dirá o governo: e nós acrescentaremos que o não tem feito muito de proposito e com menos boa intenção.

Parece-nos que a doutrina Pontificia não agradou ao governo; e porque não podia recusar-lhe o — *placet* — por ser ella, como já demonstramos, litteralmente accordo com as suas leis, não havia outro meio de a invalidar e por-lhe pois do que retardar-lhe o beneplacito.

Se fôra um escripto impio, um livro immoral, um pamphleto diffamador da Igreja e seu Chefe, teria mil beneplacitos para circular livremente; nem se procuraria desaffrontar a lei que manda acatar a Religião do Estado.

Como porém se tracta d'um escripto salutar, d'uma Carta Pontificia que só mira restabelecer os bons costumes, e garantir o respeito á verdadeira Igreja e ao proprio Estado, não se lhe permitte a publicidade! *Proh pudor!!*

E' que as nossas leis são apenas letra morta, e muitas vezes simplesmente garante para esta ou outras injustiças; aliás ninguem mais do que o governo portuguez devia testomunhar a sua adhesão á Encyclica *Humanum genus*, e acelerar a sua circulação por todo o nosso reino que se presa do ser fidelissimo.

Não o fez porém, e ainda vem ferir com os tiros da sua consura os eximios Prelados que a publicaram, increpando-os de menos obedientes ás leis civis que juraram cumprir, como se não devesse todo o Catholico obedecer primeiro a Deus do que aos homens, e assim respeitar primeiro a voz do Papa porque só elle é representante de Deus

sobre a terra, como Vigario de Christo o Successor de S. Pedro.

Que devemos obedecer mais a Deus do que aos homens, foi tambem a resposta do Coripheu dos Apostolos, quando o Sinnédrio que era o Conselho do Estado da Synagoga, o queria tambem impedir de prégar a doutrina do Crucificado.

Nem os dignos Prelados desobedeceram á lei, porque não pôde existir semelhante lei coercitiva do poder da Igreja, e attentatoria de todos os seus direitos.

Além d'isto quando o Divino Mestre enviou a seus Apostolos e lhes incumbiu o annuncio da Boa Nova não lhes impoz o dever de sollicitarem para tanto licença do poder secular.

O mandato foi absoluto: ide, prégae e ensinae a todos, no que vae até o ensino aos proprios governos.

Não carecem por tanto os Srs. Bispos de licença alguma para darem publicidade ás Bullas Pontificias; e a doutrina contraria foi condemnada pelo Pontifice Pio IX, de santa memoria, em sua Encyclica de 8 de dezembro de 1864: achando-se profligada no *Syllabus* a proposição que affirma que: aos Bispos sem venia do governo não é licito promulgar as Lettras Apostolicas.

Dada esta sentença, está ultimada toda a questão.

Concluiremos dizendo que se nega ao Papado o direito de poder temporal, allegando-se que só lhe fica bem o poder espiritual; e procura-se por todos os modos embargar esto no seu legitimo exercicio.

Então que poder tem o Papa? Nenhum?!... Assim o desejam, mas nunca o terão de ver porque as portas do inferno não podem prevalecer contra a Igreja—*portae inferi non prevalebunt adversus eam.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### Na praia

A beira mar sentado em dura penha,  
Em frente só descubro ondas e ceu;  
E barreira que a vista me detinha,  
Só no horizonte ha da nobliza o veu.

Estou só, quedo e attento; nos meus ouvidos  
Da calma terra aqui não chegam sons;  
Como alleado, absorvem-me os sentidos  
Do oceano as convulsões e infludos tons.

No dorso arqueado da alterosa vaga,  
Que espumante a meus pés se vem quebrar,  
Não descortino vela desfraldada  
De baixel que ouze as ondas affrontar.

Levanta as agnas serra apoz de serra.  
Que nucaça ao desabar todo engulir:

E as orlas ao tocar da molle terra,  
Vejo-a aplanar-se, recuar, fugir!

Enorme leão de indomita braveza,  
Hirsuta juba, rouca, ingento voz.  
Avança, investe co'a impassivel preza,  
E, perto, a sanha se lhe esvae feroz!

Irrequieto mar, quando te agitas,  
Desafiando a terra, o ar e os ceus,  
E na roca em furor te precipitas,  
Que querem teus medonhos escarceus?

A trechos, mais sereno já respiras,  
Su-ltas o impeto ao fero vagalhão,  
Como pessoa a quem affrouxam iras,  
Esfriados os estos da paixão.

Nos teus profundos, collossaes imperios,  
A ninguem curvas rigida cerviz!  
Quem, sphynge, ha devassado os teus mysterios?  
No arfar porcuue a tua voz que diz?

Smilha, ora o troar de artilhoria,  
Ora o estoirar de estridulo trovão,  
Ora brados de vivida alegria,  
Ora o bramir de infrene multidão.

Angustiaados gemidos já imita,  
Já vagos prantos, doloridos ais,  
Solueos abafados de alma afflicta,  
Estertores terrificos, mortaes.

De musicas estranhas indistinctos  
Acordes, longe, longe, ouvir se cre;  
Ou cantores, já vivos, logo extinctos,  
De algum magico ser que ninguem vê.

Por momentos, sussurro amortecido,  
Como que meia voz de hóreas mil,  
Te fizera cuidar adormecido,  
Se o não seguisse agitação febril.

Abysmo, que contens no seio ondeante  
Um mundo em que pullula a vida a flux,  
Desde a face que banha o sol brilhante,  
A' profundeza a que não chega luz;

Desde o tenue mollusco impereceptivel  
Té no tredo e monstruoso leviathan;  
Desde o musgo subtil, quasi invisivel,  
Té á selva densissima e louçan;

Gigante, cuja vaga é catapulla  
Que ferreos baluartes volvo em pó;  
Cujá lauce voraz tudo sepulta  
Nas entranhas terrificas, sem dó:

Se, no mundo, da excelsa Divindade  
Se offreco imagem.—debil, mas real,—  
E', mar, tua estupenda immensidade,  
E' das serras a altura collossal!

Leio o seu nome nos milhões de estrellas  
Que fulgem na gentil cupula azul;  
Nas gratas fiores que matisam, bellas,  
O prado uberrimo ou jardim taful;

Sua ira vejo na procella horrificca,  
Que a terra nos seus polos tremer faz:

Seu amor, do iris na visão mirifica,  
Nuncia formosa de honança e paz;

O seu poder contemplo na ineffavel  
Serie de entes da inteira criação;  
Sua grandeza e força immensuravel,  
Mar prodigioso, em tua vastidão!

Pois eu, reaccionario impenitente,  
Da sciencia que mata à luz rebel,  
Creio n'um Deus creador, omnipotente,  
A' doce fé de meus avós fiel.

Foz do Douro, outubro de 1884.

A. Moreira Bello.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### I

#### Monaco

**A** CIDADE de Monaco, como de nossa primeira gravura se deprehende, é a mais pittoresca, a mais extravagante povoação, que imaginar-se pôde. Edificada sobre um grupo de rochas, elevada 60 metros acima do mar, é de um aspecto magnifico, surprehendente.

Não é do principado de Monaco que nós queremos fallar, é só da cidade que a nossa gravura representa, erguida na costa do Mediterraneo, com uma povoação de 12000 almas. Tem alguns monumentos religiosos dignos de menção, entre elles a igreja de S. Nicolau, fundada no seculo XII, a igreja dos Penitentes e o convento dos Jesuitas. Expendida casa de jogo, onde se perdem fortunas colossaes, chama a Monaco muita gente.

É o unico principado da Italia que não entra no monte, que fez a chamada Italia-una, estando sob a protecção da França.

Perde-se na noite dos tempos a edificação d'esta cidade, e parece que lhe deu principio um conjuncto de pobres cabanas de pescadores.

Seja como fôr, a cidade está edificada pittorescamente e o principado de Monaco é ainda um protesto contra a pretendida unificação da Italia.

### II

#### A cathedral de Tours—França



CIDADE que durante a dominação romana se chamava Casaro-dunum, que

fôra a antiga capital dos Turones, é hoje a cidade de Tours, capital do departamento do Indre e Loire, em França, com uma população de perto de cincoenta mil habitantes.

Em 251 já o christianismo havia illuminado com o fulgor de suas luzes esta importante povoação, sendo seu primeiro Bispo S. Graciano, e em 374 era já uma das mais importantes dioceses da Gallia, governada por S. Martinho de Tours.

Dos varios monumentos que conta esta cidade não nos occuparemos, mas só da cathedral, formoso monumento christão, principiado em 1170 e concluido no seculo deseseis. Não é, pelas suas dimensões, dos mais notaveis de França; porém, pela graça, elegancia e mimo dos seus rendilhados, pôde dizer-se que é dos que mais captiva as attentões dos visitantes, e não ha outro que se lhe avante na rica colleção de vidraças do seculo XIII e XIV, verdadeiros primores de arte, assim como o são os magnificos quadros e esculpturas que se admiram na igreja e na claustrada.

A nossa gravura, retratando fielmente o exterior d'esse sumptuoso templo mostra-nos o fructo das grandes escolas industriaes da antiguidade, onde se creavam e sustentavam durante seculos os mais famosos artistas. Hoje, quando os homens do progresso nos fallam em escolas industriaes, ao mesmo tempo que os mosteiros e conventos se derrocam, temos vontade de rir, e rimos, não das desgraças da patria, mas da pedantesca lembrança de querer crear artistas sobre as ruinas dos mais bellos trophes da arte.

R.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**N**EM nós nos lembramos de quando escrevemos a ultima revista bibliographica! Os leitores n'esta epocha de sabios e de sciencia, em que tanto se falla d'uma e d'outra cousa, de certo não deram pela falta d'esta secção, e ainda bem. Mas já que a isto nos propozemos, e ainda que de longe a longe, não deixamos de tomar um pouco do pequeno espaço de

que o «Progresso Catholico» dispõe.

Mas, santo nome de Jesus, que monte de livros, folhetos, jornaes etc. eu tenho diante de mim! Fallarei de tudo pela rama, como é costume dizer-se.

Dêmos principio ao nosso trabalho de hoje pelo 2.º volume do COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, segundo o plano de Mons. Daniel, Bispo de Contances e Avranches que contém a historia moderna e contemporanea.

Ao accusarmos a recepção do 1.º volume já demos a nossa opinião acerca d'esta obra importante, editada pela casa editora Clavel & C.ª, do Porto, e que a não dessemos, que pôde ella valer, tratando-se d'um livro que tem o nome do Bispo de Contances?

Veja-se o annuncio no respectivo logar.

—Outra obra, que recebemos do mesmo editor e sobre a qual nada podemos dizer, é a que tem por titulo: — ESTUDO SOBRE A SUCCESSÃO LEGITIMARIA, por João Marcelino Arroyo, licenciado em direito e socio effectivo do Instituto de Coimbra. Custa este livro 15200 rs., e deve ser de grande utilidade para as pessoas versadas na materia; para nós é livro de que só podemos accusar a remessa e agradecer-a.

—NOÇÕES POPULARES DE LITTERATURA PORTUGUEZA AO ALCANÇE DE TODOS, por Antonio Peixoto de Amaral. É mais um livro util que a mesma casa Clavel & C.ª editou e com que nos mimoseia. Contém este livrinho o que é necessario para qualquer pessoa entender o que lê, e escrever, na lingua portugueza sobre qualquer assumpto com correção, pureza, clareza e elegancia sem auxilio de mestre.

Este livro contém tambem lições de analyse logica e grammatical.

Preço 300 rs.—Pelo correio 320 rs.

—Deixamos para outro n.º o fallar de muitas outras obras que temos recebido, entre as quaes a 2.ª edição da NO PRESBYTERIO E NO TEMPLO, do Padre Senna Freitas.

Alberto dos Guimarães.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**A**PESAR do frio, e da neve que branqueia os campos e as estradas, tivemos n'esta semana a visita dos seguintes exc.<sup>mas</sup> senhores:

Bernardino Alves Pereira de Magalhães e Moura, de Basto; Joaquim Pereira de Mattos, de Manteigas, que, apesar de assignante do «Progresso Catholico» ha 5 annos, só agora tivemos a honra de conhecer pessoalmente, e aqui agradecemos a visita, como agradecemos a de todos os amigos da nossa Revista; e padre Francisco Manoel Barbosa, de Villa Verde, que pela primeira vez tivemos tambem a honra de conhecer.

A todos, os nossos agradecimentos pela visita, não só, mas pelos serviços prestados e a prestar ao Contro do propaganda Catholica em Portugal.

Escrevemos estas noticias ao chegar a casa depois da procissão feita em honra do martyr S. Sebastião. Vimos de assistir ao quadro magnifico, apresentado por milhares de pessoas, ajoelhadas diante da imagem do martyr da fé, do soldado valente, que offertou ao almoz em nome de Jesus o sangue que nos campos da batalha fôra poupado.

Em vista do quadro que vimos de presenciar, como ha vontade de rir diante d'um atheu, d'um *nada*, que não creê na Religião de Christo!!

E porque fallamos da magestosa procissão a que o povo de Guimarães assistiu, não podemos deixar de mencionar o muito que a direcção da irmandade de S. Sebastião faz, para promover o culto dividido ao seu padroeiro.

Nós não podemos assistir ás novenas em honra do glorioso martyr, mas no domingo 18 do corrente, entramos na igreja da invocação do nosso Santo e pasmamos do esplendor com que as novenas são feitas. O SS. exposto, tres ecclesiasticos com capa no altar, varios ecclesiasticos mais, muitos irmãos e um numero espantoso de fieis. N'este dia foi orador o nosso amigo Manoel Lopes Martins, no verdor dos annos, sem edado para receber ordens de presbytero, mas já com o caminho aberto para o lugar dos grandes prega-dores.

Não somos bom de contentar devido ás froixas luzes que nos illuminam a intelligencia, mas, se em meio das trevas que nos circumdam nos for dado expender a nossa opinião diremos: que Manoel Lopes Martins, seguindo o rasto luminoso que até hoje o tem guiado como orador, virá a ser um Lacordaire, honrando o habito monastico como aquelle o honrou no meio da Assembléa constituinte de França, ou um

padre Felix, arrastando ao templo as multidões, como aquelle as arrastara a *Notre-Dame*, de Paris, para escutar as conferencias, que são, ainda hoje o espanto dos philosophos de todas as escolas. Se Lopes Martins se conservar como até hoje, no campo onde a cruz e só a cruz se levanta, Guimarães, á gloria de ter por filhos S. Damazo, D. Alfonso Henriques, e outros heroes, juntará a de ter produzido, no ultimo quartel do seculo desenove, a maior gloria do pulpito vimezanense.

Hoje assistimos á festa de manhã e escutamos o discurso do padre Antonio Teixeira. O padre Teixeira, de que somos amigo, não principiou a carreira de orador, como Lopes Martins, antes de ser presbytero; veio mais tarde e em meio de muitos trabalhos. O sormão que lhe ouvimos danos a esperanza de que o nome do padre Teixeira ha de ser nomeado, dentro em pouco, como o de um dos mais distinctos oradores.

O caminho entre o estudo leva longe, e portanto, amigo, caminhar estudando, e a gloria será certa.

Como escriptor catholico, recusar louvoros á mesa da Irmandade de S. Sebastião, seria uma perfidia. Louvamos-a de todo o coração, e agradecemos-lhe tantas pompas obtidas tão somente, á custa da devoção publica.

Envia-nos um assignante do *Progresso Catholico* o escripto, que gostamos publicamos.

#### *Effeitos da devoção ao SS. Coração de Jesus*

Ninguem se atreva a dizer que em nossos dias se não dão já milagres, pois que elles não eram privilegio exclusivo dos tempos, que os homens de nosso seculo apontam com desdem, e qualificam de obscurantismo; o que então era possivel, é-o ainda hoje.

Com frequencia estamos vendo e presencendo factos, que o homem não pôde explicar sem recorrer ao myste-rioso poder do Sobrenatural.

Sirva de exemplo o facto que hoje venho apresentar ao publico. Deu-se elle, nos fins d'outub.º do anno findo de 1884, e da seguinte maneira, na freguezia do Olival'concelho de Villa Nova d'Ourem, onde se não tem ainda desenvolvido muito consideravelmente esse progresso material e anti-religioso, não obstante o prolongado pouso que entre este povo téem feito certas aves aventureiras, que vão espalhando com sua baba o novento virus da incredulidade e do indifferentismo religioso.

Ha n'este logar e freguezia uma rapariguinha de 15 annos de idade, que havia muito tempo lhe davam ataques epilepticos tão frequentes, que dias ha-

via que lhe repetiam seis e mais vezes.

Os facultativos a julgavam já incuravel pois que o braço direito já o tinha completamente paralyzado; havia já perdido de todo seu movimento e sensibilidade.

Era uma dó ver a pobro rapariguinha em estado tão triste e commove-dor, sem esperanza alguma de alivios ao mal, que de dia para dia tomava novas proporções.

Um dia foi ella a casa de uma vizinha, acompanhando sua mãe; ahi foi visitada por um furioso ataque, que a poz em tão lastimavel estado, que, as pessoas que presencavam, não puderam conter as lagrimas filhas da compaixão.

A paciente, tornando a si, do estado doloroso, chorava triste e inconsolavel sua sorte. Então a senhora da casa, no meio das palavras de consolação que lhe dirigiu, lhe aconselhou a devoção ao Santissimo Coração de Jesus, dizendo-lhe—que só Elle lhe podia dar remedio efficacissimo, e terminar tão doloroso mal.

Aconselhou-a a que fosse á ogeja, que fica proxima, e que invocasse com devoção e fé ardente o Coração Santissimo de tão amoroso Paes, e estivesse certa que melhoraria.

A rapariguinha, que tratava de se dirigir ao hospital de Leiria, foi retirada d'esta resolução pela senhora que a mandava recorrer em primeiro logar ao Coração de Jesus.

No dia seguinte vaç á missa, e na presença de todo o povo que assistia ao Santo sacrificio, o terrivel mal cae sobre ella com tanta força que todos julgavam já que a pobre rapariga não tornaria jámais a si. Passou o ataque.

E' então que se determina a fazer o que lhe haviam ensinado e aconselhado; levanta seu coração ao ceu e invoca com o fervor d'uma alma christã e cren-te a misericordia do Coração Santissimo do melhor dos Paes. Sua oração foi ouvida; Jesus que disse—pedi e recebereis—deixou sair de seu amoroso Coração, mais uma faisca d'aquelle incendio d'amor que dentro d'Elle arde, e despachou favoravelmente a supplica fervorosa de sua serva.

O mal terrivel desapareceu prompta e completamente; hoje a feliz que então se julgava infeliz, não experimenta resto algum de tão triste molestia; vive alegre e toda cheia de vida, proclamando com o coração jubiloso, que é ao Coração de Jesus que deve o milagre de sua cura.

O facto que me foi attestado por um grande numero de pessoas fidedignas, ahi fica apontado nas columnas do *Progresso Catholico*, para que os incredulos vejam n'elle o dedo do Deus cuja misericordia não cessam de insul-

tar com seus desvarios. Não se assuste, pois, o jornalismo chafarriqueiro, des-cance e esteja tranquillo.

Eu não sei se a publicação d'este facto, para o qual não pedi o transeat do nojento beneplacito, vai provocar alguma portaria. Não encontrei artigo algum na minosa carta, que obrigasse a submeter estas humildes linhas á approvação do Sr. Ministro.

Sou catholico sem adjectivo, desejo fazer notorio este facto, porque desejo ver ampliada e diffundida a devoção do SS. Coração de Jesus, a quem peço que deixe correr uma gota do seu preciosissimo sangue que cure tantos Longuinhos de nossos dias.

Olival—5—1—85.

Um assignante  
J. A. Correia.

Abriam-se as camaras o S. M. El-Rei tornou a ler o discurso da coroa.

Os jornaes revolucionarios do paiz, mesmo aquelles que se dizem *liberaes* e que querem passar por defensores das actuaes instituições o que deviam, por isso, ser os primeiros a respeitar a pessoa augusta do Rei, aproveitam sempre todas as occasiões para desvirtuar a realza. S. M. o Sr. D. Luiz dissera ao principiar o seu discurso, que se via rodeado pelos novos representantes da nação, livremente eleitos por ella.

O sr. D. Luiz está no seu direito o póde dizer o que quizer, porque não carece do beneplacito de ninguem com tanto que não deixe de ser rei constitucional; mas o «Primeiro de Janeiro», que parece não morrer muito de amores pela pessoa dos reis, e como para desmentir as palavras de El-Rei o Sr. D. Luiz, no mesmo numero em que publicava o discurso do Chefe de Estado, publicava tambem a noticia de que havia sido demittido o administrador de Ourem em virtude dos fusilamentos praticados n'aquella villa, por occasião das eleições.

Quiz com isto dizer o tal «Primeiro de Janeiro», que S. M. mentia ao dizer que os deputados haviam sido eleitos livremente pela nação. Pois se houve fusilamentos, é que as eleições não foram livres. Isto porém não se devo dizer, porque desacredita a pessoa do rei, deita por terra as instituições, que felizmente nos regem, e faz com que o povo não creia nos discursos da coroa. Mas os jornalistas revolucionarios são assim; fomos nós que tal cousa fizemos e para logo nos chamariam miguelista, ultramontano etc. Bem tolos somos nós em estar a fazer estes reparos....

Diz o nosso illustrado collega brasileiro, o «Thabor», que durante o im-

perio de D. Pedro II no Brazil, se tem concedido 23:886 condecorações, pagando a menor d'ellas, só de sello 605000 rs., e quasi outro tanto de emolumentos. Suppondo que todas ellas pagassem 1205000 rs., temos a pequena quantia de 2.866:3205000 rs., quantia que, posta ao juro de 5 p. c. daria por anno 143:3163000 rs., o bastante para sustentar, com 200 reis diarios, 716:580 pobres!!!

Queremos dizer: com o dinheiro gasto pelos tolos, como lho chama o nosso collega brasileiro, apesar de tambem se metter na conta, sustentavam-se DEZ MIL ASYLOS com SETENTA POBRES CADA UM!!!

Cá por Portugal tambem, pelas mesmas contas, se podia fazer muito...

Dizem-nos de Braga que está quasi completo o escaudorio para o monumento do Sameiro, e que deve chegar breve, vindo de Affife, a pedra para o plintho. Em agosto proximo, dizem se fará a inauguração solemne do monumento.

As festas por essa occasião devem ser grandiosas, porque os povos de Braga sabem o que se deve em festas d'esta ordem, que, se tem grande valor pela féia que representam, não a tem menor pelo arruido que d'ellas se faça. Os catholicos devem oppôr ás festas do archote e do petroleo, as da cruz e da agua benta, e como fazem os da *trolha*, levar o ecco das suas imponentes festividades a todos os cantos do globo.

Mais nos dizem que a meza do Sameiro vai construir no alto do monte uma grande taça, para a qual fará elevar uma grande nascente de agua, mandando tambem arborisar copiosamente o formoso local, já agora tão visitado pelos admiradores da natureza e fervorosos devotos da SS. Virgem.

Honra seja aos bracarenses.

Dos bons pastores depende inegavelmente o estado moral dos povos nas diversas freguezias. Nas parochias onde presidir um bom parcho, veremos sempre povos amantes a Deus, respeitadores das leis da Igreja e do Estado, amigos do trabalho etc. etc.

E' prova do que deixamos dito o que se dá na freguezia de Pedralva, no concelho de Braga, depois que para ali fora o Rev.º Padre João José Cactano Pereira Portella, parochiar a freguezia.

Todo o mez de outubro fez este sacerdote o Terço, a que accrescentava uma pratica, a que assistia um concurso do povo em numero de mais de 400 pessoas, fazendo-se durante o mez mais de 600 communhões!

Continúa rezando o Terço aos do-

mingos e dias santificados, a que concorre muita gente, enchendo-se quasi a igreja, e está o povo tão satisfeito, bõndiz tanto o seu novo parcho, que, digamol-o com franqueza, nos consolamos em dar taes noticias, que nos são communicadas por duas pessoas da mesma freguezia.

Não esqueceu ao digno pastor a festividade do Natatal, e para se solemnizar condignamente, fez as novenas do Menino Deus, sempre muito concorridas, e promove, quanto possivel, tudo que engrandece e glorifica o nome de Senhor.

Sirva isto de estimulo a muitos parochos descuidados, que, muitas vezes, por descuido, que não por abuso, deixam de cumprir os seus deveres sacerdotaes.

A's pessoas que estas noticias nos forneceram enviamos nossos agradecimentos, e ao novo parcho de Pedralva nossos louvores, em nome da Religião de que é ministro.

Ainda no passado numero noticiamos a caridade como S. Exc.º Rev.º Sr. Bispo da Guarda solemnizara o Natal do Redemptor e já hoje temos a gloria de noticiar a maneira como o Venerando Primaz da Hespanha commemorou a mesma daeta, a mais gloriosa, que marcam os annos da historia.

Eis as esmolas que, do cofre das multas, mandou distribuir S. Exc.º Rev.º Sr. o Arcebispo de Braga:

Hospital de S. João Marcos 305000  
—Asylo das entrevidas de S. José de S. Lazaro 185000 — Asylo de mendicidade 305000 — Presos das cadeias de Braga (para lençoes) 185000 — Convento de Santa Theroza 125000 — Convento dos Remedios (só para as pessoas pobres) 105000 — Convento do Salvador (só para as pessoas pobres) 105000 — Recolhimento de S. Domingos 105000 — Recolhimento da Regeneração 185000 — Recolhimento das beatas de Santo Antonio 45500 — Conservatorio do Menino Deus 125000 — Conferencia de S. Vicenta de Paulo 225000 — Convertidas de S. Gonzalo 125000 — Hospicio da Caridade 105000 — Pobres da freguezia de S. Victor 275000 — Pobres da freguezia de S. Lazaro 275000 — Pobres da freguezia da Sé 225500 — Pobres da freguezia de S. João do Souto 185000 — Pobres da freguezia de S. Pedro de Maximinos 275000 — Pobres da freguezia de S. Thiago da Cidade 185000 — Total 3565500.

J. de Freitas.

#### Errata importantissima

Em o n.º passado a paginas 68, 3.ª columna, linha 31 e 32, onde se lê: está no humens que tem dirigido a politica e não a tem apoiado, leia-se: está nos humens que tem dirigido a politica e a tem apoiado.